



Mensagem dos Coordenadores

É com satisfação que apresentamos a terceira edição do Boletim do Agronegócio do Centro de Estudos em Agronegócios (CEAG), iniciativa do Instituto Pecege dedicada ao acompanhamento sistemático dos principais indicadores e tendências do agronegócio brasileiro e internacional.

O trimestre coberto por esta edição foi marcado pela valorização das commodities agrícolas e pela intensificação do El Niño. Na bolsa de Chicago, a soja acumulou alta de 24,0%, o milho de 17,0% e o trigo de 51,4% em 2026 até o fim de agosto, em meio às perturbações no Mar Negro, às ondas de calor no Hemisfério Norte e ao choque de energia associado ao Oriente Médio. O Índice FAO de Preços de Alimentos atingiu 133,3 pontos em agosto, o maior nível desde novembro de 2022, e a NOAA passou a atribuir mais de 90% de chance a um El Niño muito forte na primavera e no verão de 2026/27.

No Brasil, o agronegócio manteve desempenho robusto. As exportações do setor somaram US\$ 118,5 bilhões de janeiro a agosto, 6,1% acima de 2025, lideradas pelos complexos soja e carnes. O 12º Levantamento da CONAB confirmou safra recorde de 361,7 Mt de grãos em 2025/26, e a primeira estimativa para 2026/27 aponta 366,6 Mt, novo recorde, ainda sujeito aos riscos climáticos. Nesse ambiente, o real acumulou valorização de 5,8% no ano, o que reduz a receita em reais das exportações, enquanto os custos de diesel e fertilizantes voltaram a subir em setembro.

Esta edição chega no início da semeadura da safra 2026/27 e traz, entre os temas em destaque, o encontro entre Donald Trump e Xi Jinping e o comércio de soja, os riscos do El Niño para a nova safra e as medidas de contenção dos custos de combustíveis. Esperamos que esta publicação continue contribuindo para ampliar o debate sobre o agronegócio e apoiar análises estratégicas em diferentes áreas de atuação.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Isabela Romanha de Alcantara & Ricardo Harbs

Coordenadores do CEAG — Instituto Pecege

SUMÁRIO

US\$ 15,1 bi Exportações Agro Ago/2026 +6,7% ante ago/2025 · MAPA/MDIC	R\$ 5,18 R\$/US\$ · Ago/2026 PTAX 31/ago/2026 · BCB	>90% Chance de El Niño muito forte primavera-verão 2026/27 · NOAA/CPC, set/2026	366,6 Mt Grãos Brasil 2026/27* Novo recorde · CONAB, set/2026
---	---	---	--

Fonte: MAPA/MDIC; NOAA/CPC; CONAB; BCB. *1ª estimativa CONAB.

SUMÁRIO	2
CENÁRIO INTERNACIONAL	3
Crescimento Global	3
Guerra Comercial EUA–China e Impactos no Agronegócio	3
Índice FAO de Preços de Alimentos (FFPI)	4
EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO	5
Desempenho Acumulado Jan–Ago 2026	5
Exportações por Complexo Produtivo	6
Destinos	7
SAFRA E CLIMA	8
El Niño 2026/27	8
Calendário de Plantio da Soja	9
Produção 2025/26 e Estimativas 2026/27	10
Série Histórica da Produção	11
MERCADO DE COMMODITIES E CUSTOS	14
Câmbio	14
Preços das Principais Commodities	14
Fertilizantes e Custos de Produção	15
Balanço Mundial da Soja	16
TEMAS EM DESTAQUE	17
Encontro Trump–Xi: o comércio de soja e o espaço do Brasil na China	17
El Niño muito forte: riscos para a safra 2026/27	17
Combustíveis e insumos: medidas de contenção e custos da safra	18
BOX DE DESTAQUE	18
FONTES CONSULTADAS	19

CENÁRIO INTERNACIONAL

+3,0% Crescimento Global 2026 revisão de -0,1 p.p. · FMI jul/2026	+2,3% Crescimento EUA 2026 ante +2,1% em 2025	+4,6% Crescimento China 2026 desaceleração frente aos 5,0% de 2025	+6,4% Crescimento Índia 2026 entre as mais dinâmicas do mundo
---	---	--	---

Fonte: FMI — World Economic Outlook Update, julho de 2026.

Crescimento Global

O Fundo Monetário Internacional (FMI), na atualização de julho de 2026 do World Economic Outlook, projeta crescimento global de 3,0% em 2026 e de 3,4% em 2027, abaixo da média de 3,5% observada em 2024–25. A desaceleração reflete os efeitos da guerra no Oriente Médio — que elevou os preços de energia com a redução dos fluxos pelo Estreito de Ormuz —, parcialmente compensados pelo ciclo global de tecnologia impulsionado pela inteligência artificial. O FMI projeta, para 2026, alta de 32% no petróleo, de 26% nos fertilizantes e de 8% nos preços de alimentos, com inflação global de 4,7%. Entre as economias emergentes, destacam-se Índia (+6,4%), Indonésia (+5,0%) e Brasil (+2,4%, revisão de +0,5 p.p.). A China deve desacelerar para 4,6%, pressionada pelo petróleo mais caro, pela incerteza e por obstáculos estruturais. A demanda chinesa por alimentos e proteínas permanece robusta: o país respondeu por 27,7% das exportações do agronegócio brasileiro em agosto de 2026 e por 71% das exportações brasileiras de soja em grão de janeiro a julho. Qualquer ajuste relevante nessa relação comercial tem impacto direto sobre os fluxos de grãos, carnes e outros produtos agroindustriais.

Projeções de crescimento do PIB real (%) — FMI, WEO Update jul/2026

País / Região	2024	2025	2026p	2027p
Mundo	+3,5%	+3,5%	+3,0%	+3,4%
Economias avançadas	+1,9%	+1,9%	+1,7%	+1,8%
Estados Unidos	+2,8%	+2,1%	+2,3%	+2,2%
Zona do Euro	+1,0%	+1,4%	+0,9%	+1,2%
Emergentes e em desenvolvimento	+4,5%	+4,5%	+3,8%	+4,5%
China	+5,0%	+5,0%	+4,6%	+4,1%
Índia ¹	+7,1%	+7,7%	+6,4%	+6,7%
Brasil	+3,4%	+2,3%	+2,4%	+2,2%
América Latina e Caribe	+2,4%	+2,4%	+2,4%	+2,7%

Fonte: FMI — World Economic Outlook Update, julho de 2026. p = projeção. Revisão em relação ao WEO de abril de 2026. ¹Índia: ano fiscal.

Guerra Comercial EUA–China e Impactos no Agronegócio

A disputa tarifária entre EUA e China — iniciada no primeiro mandato de Trump e intensificada em 2025–26 — continua como o principal vetor estrutural de redirecionamento do comércio agrícola global. Com tarifas significativas sobre produtos americanos, a China deslocou suas compras de soja para o Brasil, que

respondeu por 58% das exportações brasileiras de soja em grão de janeiro a agosto de 2026. Em junho, as importações chinesas de soja brasileira cresceram 13,7% a/a, para 12,08 Mt, enquanto as compras de soja dos EUA caíram 20,6% (Alfândega da China).

Em 24 de setembro de 2026, Trump recebeu Xi Jinping na Casa Branca, em visita de Estado — a segunda desde o início do segundo mandato de Trump. A agricultura esteve entre os temas centrais: os EUA buscam o cumprimento do compromisso chinês de compra de 25 Mt de soja americana na temporada e a retirada da tarifa retaliatória de 10% sobre o sorgo. Mesmo com eventuais avanços, o Brasil tende a preservar o espaço estrutural conquistado no mercado chinês. O USDA projeta exportações americanas de soja de 45,9 Mt em 2026/27, abaixo dos 51,5 Mt de 2024/25 (WASDE, set/2026).

O grão brasileiro mantém vantagens competitivas estruturais: menor prêmio de exportação, câmbio ainda competitivo, logística em expansão (novos terminais em Santos e no Arco Norte) e produção crescente de proteínas animais que ampliam o portfólio ofertado à China.

Índice FAO de Preços de Alimentos (FFPI)

O FFPI atingiu 133,3 pontos em agosto de 2026, alta de 1,9% em relação a julho e de 2,5% frente a agosto de 2025 — o maior nível desde novembro de 2022, embora ainda 16,8% abaixo do pico de março de 2022. Todos os subíndices subiram no mês. Na comparação anual, a alta é puxada pelos óleos vegetais (+16,4%), no maior patamar desde junho de 2022, e pelos cereais (+10,0%), no maior nível desde maio de 2024. Carnes (+0,1%) e açúcar (+2,7%) ficaram próximos do nível de um ano antes, enquanto os laticínios seguem 21,7% abaixo de agosto de 2025. Na média de janeiro a agosto, o FFPI de 2026 (129,3 pontos) supera em 1,3% o de igual período de 2025.

Segundo a FAO, a alta dos cereais reflete a demanda firme, as preocupações climáticas com as lavouras no Cinturão do Milho dos EUA e na União Europeia e a incerteza sobre os fluxos de exportação do Mar Negro — o trigo está 15,0% acima de um ano antes. Nos óleos, o óleo de palma avança com a demanda de importação e os riscos do El Niño sobre a produção do Sudeste Asiático, e o óleo de soja sul-americano é sustentado pela forte demanda externa. O açúcar saltou 11,9% no mês, para o maior nível desde junho de 2025, com revisão para baixo da safra europeia, efeitos do El Niño na Ásia e menor produção no Centro-Sul do Brasil. Nas carnes, a alta de aves — com recuperação dos preços de exportação brasileiros — e de suínos foi parcialmente compensada pela queda da carne bovina, pressionada pela proximidade do esgotamento da cota de salvaguarda da China para a carne bovina brasileira.

Para o Brasil, a alta do FFPI amplia a receita de exportação em dólares — sobretudo de soja, óleo de soja, milho e açúcar —, ao mesmo tempo em que pressiona custos de insumos derivados de commodities, como rações. A limitação da cota chinesa para a carne bovina é um ponto de atenção para as exportações de proteínas no 4º trimestre.

Subíndices do Índice FAO de Preços de Alimentos (2014–2016 = 100)

Sub-índice FAO	Ago/2026	Jul/2026	Ago/2025	Var. m/m	Var. a/a
Cereais	116,3	113,8	105,6	+2,2%	+10,0%
Laticínios	119,2	116,6	152,2	+2,3%	–21,7%
Carnes	127,9	126,7	127,8	+1,0%	+0,1%
Óleos vegetais	196,9	195,7	169,1	+0,6%	+16,4%
Açúcar	106,4	95,0	103,6	+11,9%	+2,7%
Total FFPI	133,3	130,8	130,0	+1,9%	+2,5%

Fonte: FAO — Food Price Index (2014–2016 = 100). Dados de ago/2026, divulgados em 04/set/2026.

EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO

US\$ 15,1 bi Exportações — Agosto/2026 +6,7% a/a · MAPA/MDIC	+6,1% Crescimento acum. Jan–Ago vs mesmo período de 2025	45,8% Participação no total exp. do total exportado em agosto	US\$ 47,5 bi Complexo Soja (Jan– Ago/26) +16,9% a/a · 40,1% do total
--	--	---	--

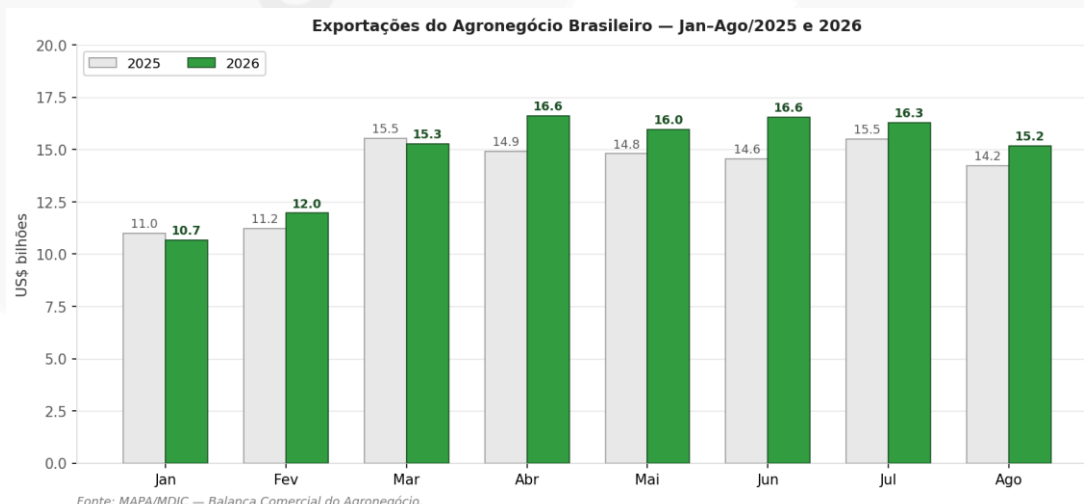
Fonte: MAPA/MDIC — Agrostat. Dados de agosto e acumulado de janeiro a agosto de 2026.

Desempenho Acumulado Jan–Ago 2026

O agronegócio brasileiro registrou exportações de US\$ 15,1 bilhões em agosto de 2026, crescimento de 6,7% frente a agosto de 2025, respondendo por 45,8% do total exportado pelo país no mês. No acumulado de janeiro a agosto de 2026, o setor acumula crescimento de 6,1% sobre o mesmo período de 2025, sustentado sobretudo pelos complexos soja e carnes. Em valores, as vendas externas somaram US\$ 118,5 bilhões de janeiro a agosto de 2026, ante US\$ 111,7 bilhões no mesmo período de 2025 — acréscimo de US\$ 6,8 bilhões.

Mato Grosso liderou as exportações em agosto, com US\$ 2,2 bilhões (14,6% do total), seguido por São Paulo, com US\$ 2,03 bilhões (13,4%). Entre os produtos, a soja em grão somou US\$ 4,41 bilhões (+14,0% a/a; 29,1% do total do mês), seguida pela carne bovina in natura (US\$ 1,21 bilhão; –19,7%) e pelo café verde (US\$ 1,1 bilhão; +24,1%). Também cresceram as vendas de carne de frango in natura (+39,4%), farelo de soja (+35,9%), celulose (+30,2%) e bovinos vivos (+182,6%, recorde mensal), enquanto recuaram milho (–25,3%), açúcar em bruto (–41,9%) e suco de laranja (–47,4%). Com importações de US\$ 1,68 bilhão (+5,0%), o saldo comercial do agronegócio atingiu US\$ 13,49 bilhões no mês (+6,9%).

Figura 1 — Exportações mensais do agronegócio brasileiro — Jan–Ago 2026 vs 2025 (US\$ bilhões)



Fonte: MAPA/MDIC — Balança Comercial do Agronegócio.

Fonte: MAPA/MDIC — Agrostat.

Na comparação mês a mês, 2026 superou 2025 em 6 dos 8 meses, com destaque para abril (US\$ 16,6 bilhões; +11,5% a/a) e junho (US\$ 16,6 bilhões; +13,8% a/a), os maiores valores mensais do ano. Apenas janeiro (–2,9%) e março (–1,6%) ficaram abaixo do ano anterior (Figura 1).

Em perspectiva histórica, o acumulado de janeiro a agosto de 2026 é o maior para o período na série disponível desde 2022: entre 2022 e 2025, esse valor oscilou entre US\$ 108,2 e US\$ 112,5 bilhões, praticamente estável nos três últimos anos. Em base anual, as exportações do agronegócio somaram US\$ 158,9 bilhões em 2022, US\$ 166,5 bilhões em 2023, US\$ 164,3 bilhões em 2024 e US\$ 169,1 bilhões em 2025, recorde anual. Como os oito primeiros meses concentram, em média, 67,4% do valor do ano — reflexo

da concentração dos embarques de soja no primeiro semestre —, a manutenção desse padrão indicaria exportações próximas de US\$ 176 bilhões em 2026, o que representaria novo recorde (projeção).

Exportações do agronegócio — acumulado de janeiro a agosto e total anual (US\$ bilhões)

Ano	Jan–Ago (US\$ bi)	Var. a/a Jan–Ago	Ano completo (US\$ bi)	Jan–Ago / ano
2022	108,2	—	158,9	68,1%
2023	112,5	+4,0%	166,5	67,6%
2024	111,7	–0,7%	164,3	68,0%
2025	111,7	+0,0%	169,1	66,1%
2026	118,5	+6,1%	175,8*	—

Fonte: MAPA/MDIC — Agrostat. *Projeção: acumulado Jan–Ago/2026 dividido pela participação média de janeiro a agosto no total anual entre 2022 e 2025 (67,4%).

Exportações por Complexo Produtivo

O complexo soja (grão, farelo e óleo) lidera a pauta com US\$ 47,5 bilhões no acumulado de janeiro a agosto de 2026, alta de 16,9% a/a, elevando sua participação de 36,4% para 40,1% do total exportado pelo agronegócio. O acréscimo do complexo — US\$ 6,9 bilhões — supera o crescimento líquido de todo o setor (US\$ 6,8 bilhões), o que evidencia sua centralidade no resultado do ano, favorecido pela safra recorde de 180,4 Mt e pela alta das cotações internacionais.

As carnes ocupam a segunda posição, com US\$ 23,2 bilhões (+20,0% a/a) e 19,6% de participação — o maior crescimento entre os grandes complexos. Somados, soja e carnes respondem por 59,7% das exportações do agronegócio em 2026 (53,7% em 2025) e adicionaram US\$ 10,7 bilhões às vendas externas. Também avançaram fibras e produtos têxteis (US\$ 3,5 bilhões; +13,5%), grupo em que predomina o algodão; frutas (US\$ 1,0 bilhão; +20,0%); produtos oleaginosos, exceto soja (+17,5%); e animais vivos (US\$ 1,3 bilhão; +81,9%).

Em sentido oposto, os complexos sucroalcooleiro (US\$ 6,8 bilhões; –28,3%), café (US\$ 8,7 bilhões; –12,5%) e sucos (US\$ 1,5 bilhão; –35,8%) registraram as maiores retrações, somando perda de US\$ 4,8 bilhões em relação a 2025. Fumo (–16,4%) e cacau (–25,4%) também recuaram, enquanto produtos florestais (US\$ 11,2 bilhões; –0,3%) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 4,3 bilhões; –1,0%) permaneceram praticamente estáveis. O resultado reforça a concentração da pauta: os dois principais complexos ampliaram sua fatia em 6,0 p.p. em apenas um ano.

Exportações do agronegócio por complexo — janeiro a agosto (US\$ bilhões)

Complexo / Produto	Jan–Ago/2025 (US\$ bi)	Jan–Ago/2026 (US\$ bi)	Var. a/a	Part. 2026
Complexo Soja	40,68	47,54	+16,9%	40,1%
Carnes	19,35	23,21	+20,0%	19,6%
Produtos Florestais	11,20	11,17	–0,3%	9,4%
Café	9,94	8,70	–12,5%	7,3%
Complexo Sucroalcooleiro	9,47	6,79	–28,3%	5,7%
Cereais, Farinhas e Preparações	4,38	4,33	–1,0%	3,7%
Fibras e Produtos Têxteis	3,08	3,49	+13,5%	2,9%
Fumo e seus Produtos	1,93	1,62	–16,4%	1,4%
Sucos	2,39	1,53	–35,8%	1,3%

Animais Vivos	0,70	1,28	+81,9%	1,1%
Demais produtos	8,60	8,84	+2,8%	7,5%
Total Agronegócio	111,72	118,51	+6,1%	100,0%

Fonte: MAPA/MDIC — Agrostat. Valores FOB acumulados de janeiro a agosto de 2025 e 2026.

Destinos

A China é o principal destino das exportações do agronegócio brasileiro: respondeu por 29,8% das vendas no 1º trimestre, por cerca de 40% em maio e por US\$ 4,2 bilhões em agosto (27,7% do total do mês), com a soja como principal produto. A China absorveu 58% das exportações brasileiras de soja em grão entre janeiro e agosto de 2026. Em agosto, os Estados Unidos foram o segundo maior comprador individual (US\$ 905,6 milhões), com destaque para a carne bovina in natura (+16,5% a/a), e a União Europeia somou US\$ 2,4 bilhões (+31,5%), impulsionada pelo café verde. No frango, a China voltou a ser o principal destino, após ter suspenso as compras brasileiras entre maio e novembro de 2025 em razão da gripe aviária.



SAFRA E CLIMA

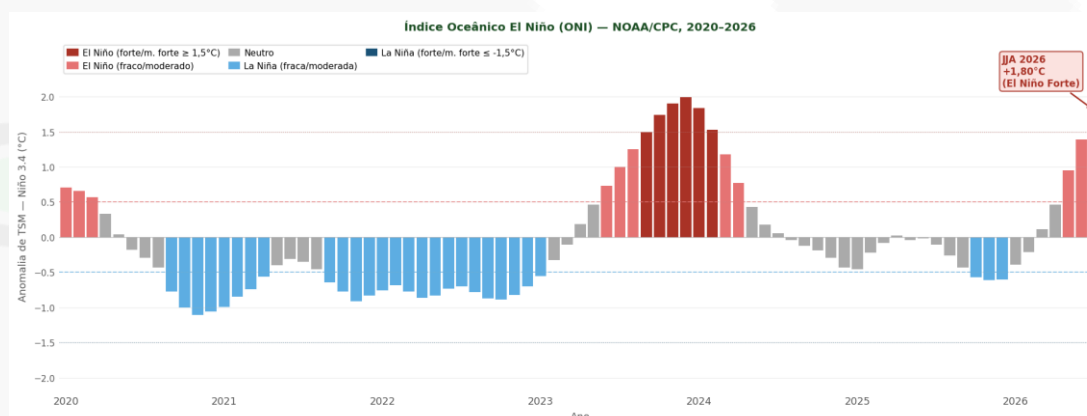
>90% Chance de El Niño muito forte primavera-verão 2026/27 · NOAA/CPC, 10/set/2026	0,5% Plantio soja 26/27 (18/set) vs média histórica de 0,9%	49,3 Mha Área soja 2026/27 +1,4% a/a · CONAB (1ª estimativa)	181,6 Mt Produção soja 26/27 (CONAB) +0,7% a/a · risco El Niño
--	--	---	---

Fonte: NOAA/CPC; CONAB (12º Levantamento 2025/26 e 1ª estimativa 2026/27, set/2026).

El Niño 2026/27

O El Niño segue em fortalecimento. Segundo a discussão diagnóstica da NOAA/CPC de 10 de setembro de 2026, o índice Niño 3.4 atingiu +1,8°C em agosto, com anomalias superiores a +3,0°C no Pacífico equatorial leste (Niño 1+2: +3,4°C), e há mais de 90% de chance de um evento muito forte durante a primavera e o verão de 2026/27 no Hemisfério Sul. Para outubro–dezembro, a probabilidade de um evento histórico — acima de +2,5°C no índice RONI, superior a todos os episódios registrados desde 1950 — é de 75%. O INMET registrou RONI de +1,78 em agosto de 2026.

Figura 2 — Índice Oceânico El Niño (ONI): anomalia de TSM na região Niño 3.4 (°C), 2020–2026



Fonte: NOAA/CPC — Oceanic Niño Index (ONI), médias móveis trimestrais até JJA/2026. Nota: barras coloridas por fase e intensidade do ENOS.

O padrão histórico do El Niño para o Brasil implica impactos regionais diferenciados:

- Sul (RS, SC, PR): o prognóstico para setembro–novembro indica chuvas acima da média em toda a região, com armazenamento de água no solo acima de 90% da capacidade. Há risco de alagamentos, atraso na colheita do trigo e maior pressão de doenças, como a giberela. Em agosto, o armazenamento já superava 70% da capacidade em RS, SC e centro-sul do PR, e houve geadas nas áreas altas de RS e SC.
- Centro-Oeste e Sudeste: chuvas abaixo da média em grande parte de MT, GO e DF em setembro–novembro, com temperaturas até 2°C acima da média e armazenamento de água no solo inferior a 20% da capacidade, o que pode atrasar a semeadura; a exceção é o sul de MS, além de SP e do Triângulo Mineiro, onde se esperam chuvas acima da média. O maior risco está na irregularidade das chuvas entre novembro e janeiro, fase de florescimento da soja em MT, GO e norte de MG.
- Nordeste / MATOPIBA: chuvas abaixo da média no MA, no sudoeste do PI e no oeste e sul da BA, com temperaturas até 2°C acima da média e déficits hídricos superiores a 150 mm previstos para novembro no centro-norte do PI e no norte do MA — risco para o início da semeadura da soja no MATOPIBA e para as lavouras de sequeiro.

O prognóstico multimodelo do INMET, do CPTEC/INPE e da FUNCEME indica temperaturas acima da média em praticamente todo o país no trimestre, o que eleva a demanda evaporativa e reforça a importância do monitoramento climático e do escalonamento da semeadura.

Calendário de Plantio da Soja

O vazio sanitário da soja — período obrigatório de ausência de plantas hospedeiras, que visa reduzir o inóculo inicial de ferrugem-asiática da soja (*Phakopsora pachyrhizi*) — é regulamentado pela Portaria SDA/MAPA nº 1.579, de 9 de abril de 2026. O calendário varia por estado e região. Nos principais estados produtores, a semeadura foi liberada ainda em setembro — MT (7/set), PR (1º a 20/set, conforme a região), SP (1º a 16/set), MS (16/set) e GO (25/set) —, enquanto DF, MG, RS, TO e a Região I do MA iniciam em 1º de outubro.

Vazio sanitário e calendário de semeadura da soja — safra 2026/27

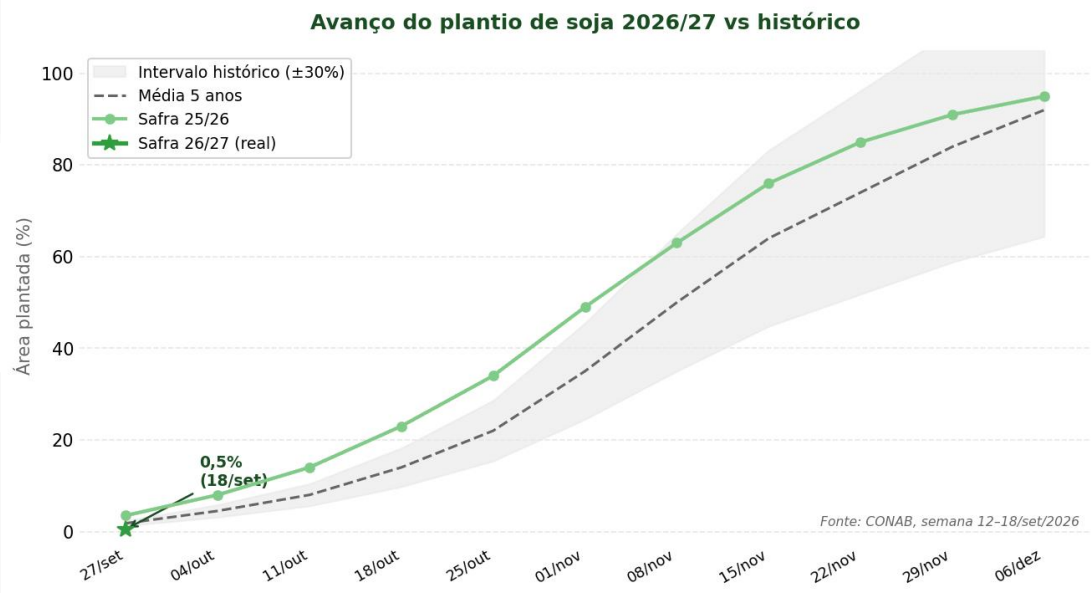
UF / Região	Período de Vazio Sanitário	Calendário de Semeadura
AC	22/jun – 20/set/2026	21/set/2026 a 08/jan/2027
AL	1º/jan – 1º/abr/2027	02/abr/2027 a 10/jul/2027
AM	10/jun – 10/set/2026	11/set/2026 a 09/jan/2027
AP	1º/dez/2026 – 28/fev/2027	1º/mar/2027 a 08/jun/2027
BA (Reg. I)	26/jun – 07/out/2026	08/out/2026 a 31/dez/2026
BA (Reg. II)	14/jun – 14/set/2026	15/set/2026 a 15/jan/2027
BA (Reg. III)	14/dez/2026 – 14/mar/2027	15/mar/2027 a 30/jun/2027
BA (Reg. IV)	1º/ago – 31/out/2026	1º/nov/2026 a 28/fev/2027
CE	03/nov/2026 – 31/jan/2027	1º/fev/2027 a 31/mai/2027
DF	1º/jul – 30/set/2026	1º/out/2026 a 08/jan/2027
GO	27/jun – 24/set/2026	25/set/2026 a 02/jan/2027
MA (Reg. I)	03/jul – 30/set/2026	1º/out/2026 a 28/jan/2027
MA (Reg. II)	03/ago – 31/out/2026	1º/nov/2026 a 28/fev/2027
MA (Reg. III)	02/set – 30/nov/2026	1º/dez/2026 a 30/mar/2027
MG	1º/jul – 30/set/2026	1º/out/2026 a 08/jan/2027
MS	15/jun – 15/set/2026	16/set/2026 a 31/dez/2026
MT	08/jun – 06/set/2026	07/set/2026 a 07/jan/2027
PA (Reg. I)	15/jun – 15/set/2026	16/set/2026 a 14/jan/2027
PA (Reg. II)	1º/ago – 31/out/2026	1º/nov/2026 a 28/fev/2027
PA (Reg. III)	15/ago – 15/nov/2026	16/nov/2026 a 14/mar/2027
PI (Reg. I)	1º/set – 30/nov/2026	1º/dez/2026 a 20/mar/2027
PI (Reg. II)	1º/ago – 31/out/2026	1º/nov/2026 a 18/fev/2027
PI (Reg. III)	1º/jul – 29/set/2026	30/set/2026 a 27/jan/2027
PR (Reg. I)	21/jun – 19/set/2026	20/set/2026 a 20/jan/2027
PR (Reg. II)	02/jun – 31/ago/2026	1º/set/2026 a 31/dez/2026
PR (Reg. III)	12/jun – 10/set/2026	11/set/2026 a 10/jan/2027
RJ	15/jun – 28/set/2026	29/set/2026 a 06/jan/2027
RO	10/jun – 10/set/2026	11/set/2026 a 09/jan/2027
RR	19/dez/2026 – 18/mar/2027	19/mar/2027 a 26/jun/2027
RS	03/jul – 30/set/2026	1º/out/2026 a 28/jan/2027
SC (Reg. I)	04/jul – 12/out/2026	13/out/2026 a 10/fev/2027
SC (Reg. II)	13/jun – 21/set/2026	22/set/2026 a 22/jan/2027
SP (Reg. I)	1º/jun – 31/ago/2026	1º/set/2026 a 29/dez/2026
SP (Reg. II)	12/jun – 12/set/2026	13/set/2026 a 10/jan/2027
SP (Reg. III)	15/jun – 15/set/2026	16/set/2026 a 24/dez/2026
TO	1º/jul – 30/set/2026	1º/out/2026 a 15/jan/2027

Fonte: Portaria SDA/MAPA nº 1.579, de 9 de abril de 2026.

Na semana de 12 a 18 de setembro de 2026, o plantio da soja 2026/27 atingiu 0,5% da área nos 12 principais estados produtores, abaixo da média de cinco anos (0,9%) e de igual período de 2025 (0,6%). O ritmo reflete

a vigência do vazio sanitário em estados como GO, MG, DF, RS e TO e a espera pela regularização das chuvas em MT (0,6% semeado, ante média de 1,0%) e no PR (2,0%, ante 3,6%). O avanço deve acelerar a partir de outubro.

Figura 3 — Avanço da semeadura da soja 2026/27 vs histórico (% da área)



Fonte: CONAB — Progresso de Safra, semana de 12 a 18/set/2026. Ponto real: 0,5% em 18/set/2026.

Produção 2025/26 e Estimativas 2026/27

O 12º Levantamento da CONAB (setembro de 2026) encerra a safra 2025/26 com produção recorde de 361,7 Mt de grãos, 2,6% acima de 2024/25 (352,5 Mt), resultado de área 1,7% maior (83,5 Mha) e produtividade média de 4.335 kg/ha (+0,9%). A soja alcançou 180,4 Mt (+5,2%), com área de 48,6 Mha (+2,7%) e produtividade de 3.711 kg/ha (+2,5%). O destaque foi a recuperação do Sul — Rio Grande do Sul com 18,6 Mt (+12,1%) e Paraná com 22,0 Mt (+9,9%) —, enquanto Goiás recuou 2,8% (20,1 Mt). Mato Grosso manteve a liderança, com 51,6 Mt, 28,6% da produção nacional.

O milho totalizou 144,0 Mt (+2,0%). A 1ª safra avançou 18,3% (29,5 Mt), com ganhos de área (+8,7%) e de produtividade (+8,8%), compensando a leve retração da 2ª safra (112,1 Mt; -1,0%), afetada pela quebra em Goiás (10,4 Mt de milho total; -27,4%). Mato Grosso respondeu por 58,6 Mt (+5,5%), 40,7% do total. Entre as demais culturas, o algodão em pluma atingiu 4,14 Mt (+1,5%), com ganho de produtividade (+4,9%) compensando a menor área (-3,2%), e o sorgo avançou 20,4% (7,3 Mt). Arroz (11,1 Mt; -13,2%) e trigo (5,7 Mt; -27,1%) registraram as quedas mais expressivas; no trigo, a área recuou 21,2% e a produtividade, 7,5%, em meio ao excesso de chuvas e às geadas registradas no Sul em agosto (INMET).

Safra 2025/26 — 12º Levantamento CONAB

Cultura	Área 25/26 (Mha)	Produtividade 25/26 (kg/ha)	Produção 24/25 (Mt)	Produção 25/26 (Mt)	Var. produção
Soja	48,6	3.711	171,5	180,4	+5,2%
Milho total	22,6	6.372	141,2	144,0	+2,0%
Milho 1ª safra	4,1	7.191	24,9	29,5	+18,3%
Milho 2ª safra	17,8	6.291	113,2	112,1	-1,0%
Arroz	1,5	7.303	12,8	11,1	-13,2%
Feijão	2,5	1.161	3,1	3,0	-3,6%
Sorgo	2,2	3.388	6,1	7,3	+20,4%
Trigo	1,9	2.978	7,9	5,7	-27,1%

Algodão em pluma¹	2,0	2.053	4,08	4,14	+1,5%
Total de grãos²	83,5	4.335	352,5	361,7	+2,6%

Fonte: CONAB — 12º Levantamento da Safra Brasileira de Grãos 2025/26, set/2026. ¹Não incluído no total de grãos. ²Inclui as culturas de inverno (trigo, aveia, cevada, canola, centeio e triticale).

Para a safra 2026/27, as primeiras projeções indicam novo recorde, ainda que com crescimento mais moderado:

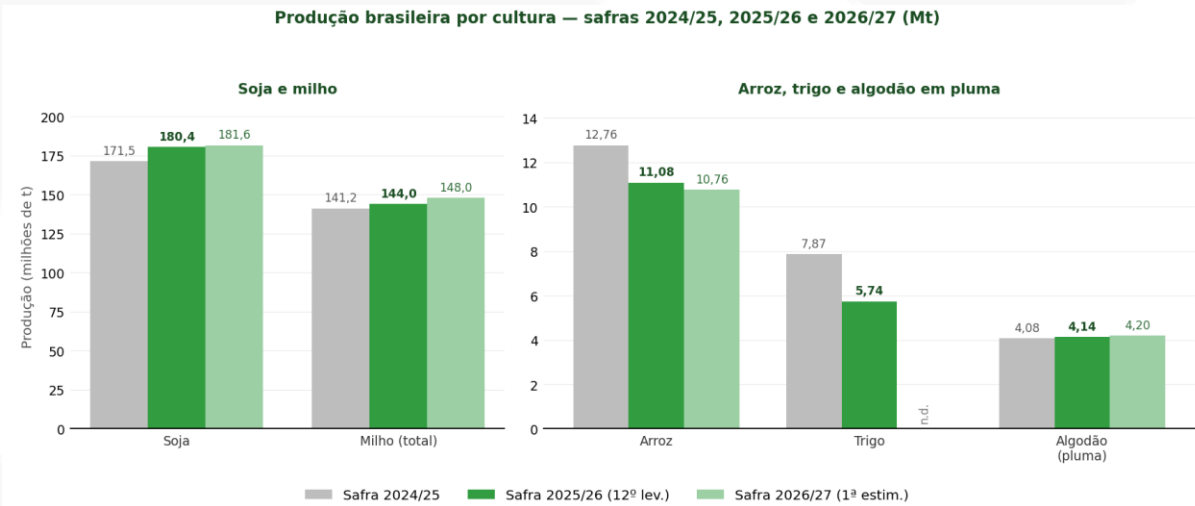
A 1ª estimativa da CONAB para a safra 2026/27 projeta produção total de grãos de 366,6 Mt, novo recorde histórico, com área +2,3% a/a. A expansão é liderada pelo milho, com 148 Mt (+2,8%), sustentado por maior área nas três safras. A soja deve crescer de forma mais modesta (+0,7%), para 181,6 Mt, com a menor expansão de área em 20 anos e riscos de produtividade relacionados ao El Niño. O USDA (WASDE, set/2026) é mais otimista para a soja brasileira: 186,0 Mt em 2026/27. Para o milho, a relação se inverte: o USDA projeta 139,0 Mt, 9 Mt abaixo da CONAB. Nas exportações, o USDA estima 118,0 Mt de soja e 43,0 Mt de milho em 2026/27, enquanto a CONAB projeta 46 Mt de milho.

Estimativas de produção para 2026/27 — CONAB e USDA

Cultura	Safra 25/26 (12º lev.)	Safra 26/27* (CONAB)	Var. a/a	USDA 26/27
Soja	180,4 Mt	181,6 Mt	+0,7%	186,0 Mt
Milho (total)	144,0 Mt	148,0 Mt	+2,8%	139,0 Mt
Trigo	5,74 Mt	n.d.	—	6,0 Mt
Arroz	11,08 Mt	10,76 Mt	-2,9%	n.d.
Algodão (pluma)	4,14 Mt	4,2 Mt	+0,3%	4,0 Mt¹
Total Grãos	361,7 Mt	366,6 Mt	+1,4%	n.d.

Fonte: CONAB (12º Levantamento 2025/26 e 1ª estimativa 2026/27, set/2026); USDA — WASDE nº 675 e World Markets and Trade, set/2026. ¹18,5 milhões de fardos de 480 lb. *Estimativa preliminar.

Figura 4 — Produção brasileira por cultura — safras 2024/25, 2025/26 e 2026/27 (Mt)



Fonte: CONAB — 12º Levantamento 2025/26 e 1ª estimativa 2026/27, set/2026. Trigo 2026/27: n.d.

Série Histórica da Produção

A série histórica da CONAB evidencia a expansão contínua da agricultura brasileira nas últimas duas décadas. A produção de grãos passou de 122,5 Mt na safra 2005/06 para 361,7 Mt em 2025/26 — quase o triplo (2,95 vezes) —, enquanto a área cultivada cresceu 74%, de 47,9 para 83,5 milhões de hectares, e a produtividade

média avançou 69%, de 2.560 para 4.335 kg/ha. O crescimento dividiu-se, portanto, de forma praticamente equilibrada entre incorporação de área e ganhos de produtividade, estes associados à adoção de tecnologia, à consolidação da segunda safra e ao melhoramento genético.

A soja foi o principal vetor dessa trajetória: sua produção saltou de 55,0 Mt para 180,4 Mt (3,3 vezes) e a área, de 22,7 para 48,6 Mha, o que corresponde hoje a 58% da área de grãos do país e a praticamente metade (49,9%) da produção. No milho, a transformação foi estrutural: a segunda safra, cultivada em sucessão à soja sobretudo no Centro-Oeste, respondia por 25% da produção em 2005/06 e passou a representar 78% em 2025/26 (112,1 de 144,0 Mt), sustentando a elevação da produção total de 42,5 Mt para 144,0 Mt.

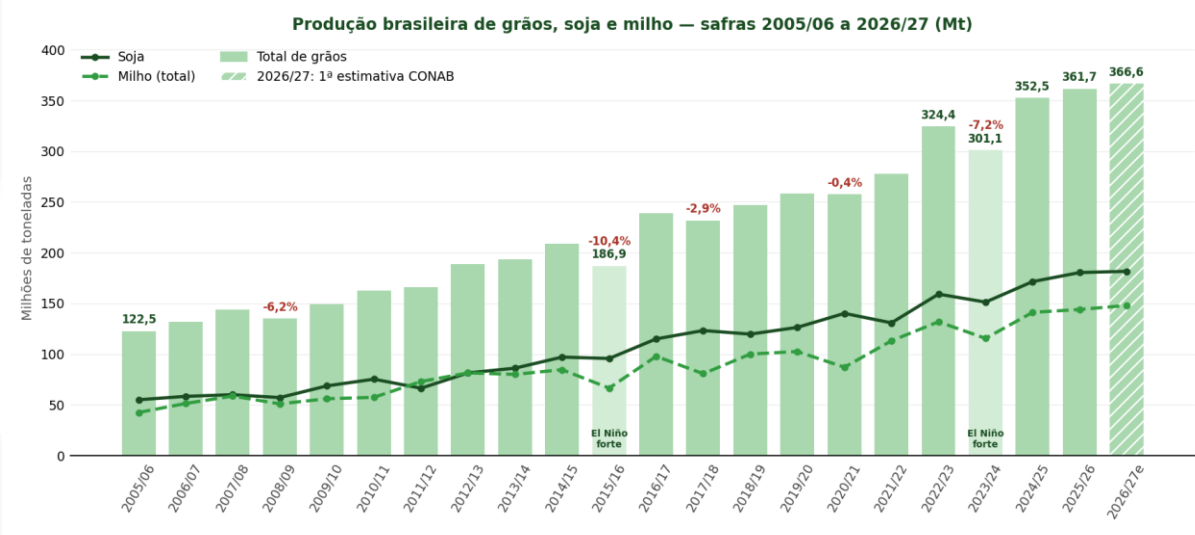
A série também revela a sensibilidade da produção ao clima. Em duas décadas, a produção total recuou em cinco safras, e as duas maiores quedas coincidiram com episódios de El Niño forte: -10,4% em 2015/16 e -7,2% em 2023/24, quando a produtividade média caiu 11,1% e 8,2%, respectivamente (Figura 5). Esse histórico é particularmente relevante diante do El Niño muito forte previsto para o ciclo 2026/27 (ver El Niño 2026/27).

Indicadores selecionados da produção brasileira de grãos

Indicador	2005/06	2015/16	2025/26	2026/27e
Área total de grãos (Mha)	47,9	58,3	83,5	85,4*
Produção de grãos (Mt)	122,5	186,9	361,7	366,6
Produtividade média (kg/ha)	2.560	3.203	4.335	4.294*
Soja — área (Mha)	22,7	33,3	48,6	49,3
Soja — produção (Mt)	55,0	95,7	180,4	181,6
Milho total — produção (Mt)	42,5	66,5	144,0	148,0
Milho 2ª safra (% do milho)	25,2%	61,3%	77,9%	n.d.

Fonte: CONAB — Série histórica de grãos (12º Levantamento, set/2026) e 1ª estimativa 2026/27. *Área e produtividade de 2026/27 estimadas a partir das variações informadas pela CONAB (+2,3% e -0,9%).

Figura 5 — Produção brasileira de grãos, soja e milho — safras 2005/06 a 2026/27 (Mt)



Fonte: CONAB — Série histórica de grãos (set/2026) e 1ª estimativa 2026/27. Em vermelho: quedas a/a da produção total.

Para 2026/27, a 1ª estimativa da CONAB projeta 366,6 Mt (+1,4%), resultado de área 2,3% maior e produtividade média 0,9% menor — uma projeção que já incorpora alguma cautela, mas pressupõe produtividade próxima da tendência. Em exercício de sensibilidade, se a produtividade média de 2026/27 repetisse as quedas observadas nos episódios de El Niño de 2023/24 (-8,2%) ou de 2015/16 (-11,1%) em

relação à safra anterior, aplicadas sobre a área projetada (cerca de 85,4 Mha), a produção de grãos ficaria entre 329 e 340 Mt — de 6% a 9% abaixo de 2025/26 e de 27 a 38 Mt aquém da estimativa oficial. A regularidade das chuvas no Centro-Oeste entre novembro e janeiro, fase de florescimento e enchimento de grãos da soja, será decisiva para as revisões dos próximos levantamentos.



MERCADO DE COMMODITIES E CUSTOS

Com base no desempenho exportador, nas condições de safra e no cenário macroeconômico, esta seção analisa o ambiente de preços de commodities, câmbio e fertilizantes, com foco nos efeitos sobre a renda e os custos do produtor. Os temas que devem marcar os próximos meses são tratados na seção Temas em Destaque.

Câmbio

R\$ 5,18 R\$/US\$ · Ago/2026 PTAX 31/ago/2026 · BCB	+51,4% Trigo CBOT acum. 2026 767,00 US\$/bu em 28/ago	+24,0% Soja CBOT acum. 2026 1.276,25 US\$/bu em 28/ago	R\$ 345,35 Boi Gordo SP (28/ago/26) +10,9% a/a · CEPEA
---	---	--	--

Fonte: BCB (PTAX); CME Group/CBOT (via Bloomberg); CEPEA/ESALQ-USP. Cotações de 28/ago/2026.

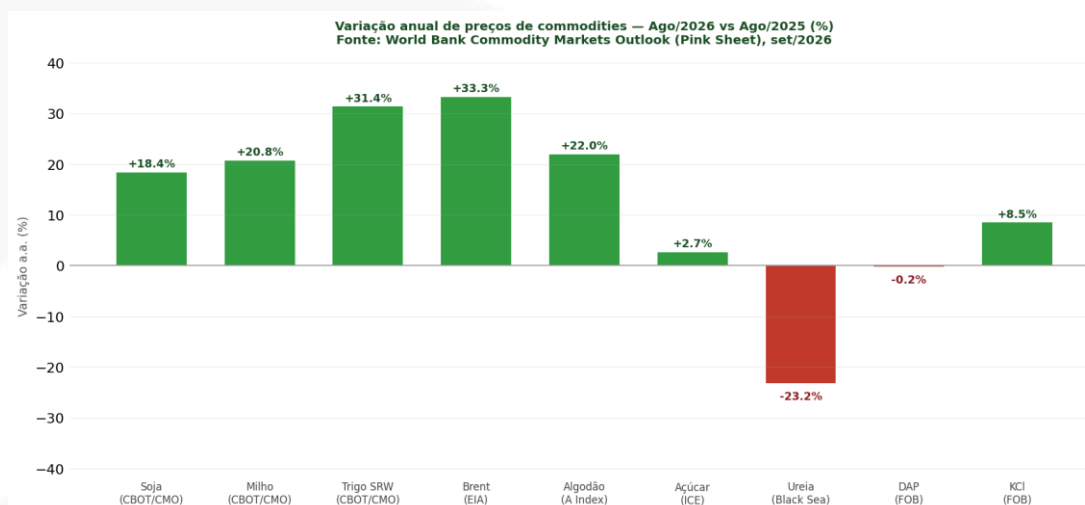
O real acumula valorização em 2026: a PTAX de venda passou de R\$ 5,50/US\$ em 31/dez/2025 para R\$ 5,18 em 31/ago/2026 (–5,8%), com média de R\$ 5,15 em agosto. No 3º trimestre, a cotação oscilou entre R\$ 5,06 (22/jul) e R\$ 5,22 (14/ago), abaixo da máxima do ano (R\$ 5,44, em 2/jan); a mínima de 2026 foi de R\$ 4,90, em 11/mai. Para o agronegócio, o câmbio mais apreciado reduz a receita em reais das exportações — efeito parcialmente compensado pela alta das cotações internacionais em dólar — e barateia insumos importados, como fertilizantes e defensivos.

Para o 4º trimestre, a mediana das expectativas do Relatório Focus (BCB, 18/set/2026) aponta câmbio de R\$ 5,20/US\$ ao fim de 2026 e de R\$ 5,28 ao fim de 2027, com Selic de 13,50% a.a. no fim deste ano. Em setembro, até o dia 28, a PTAX oscilou entre R\$ 5,09 e R\$ 5,21. O calendário fiscal e a política monetária americana seguem como principais fontes de volatilidade.

Preços das Principais Commodities

Os preços das commodities agrícolas acumulam forte valorização em 2026. Nas cotações de 28 de agosto, o trigo lidera na bolsa de Chicago, com +51,4% no ano (767,00 US\$/bu), reflexo das perturbações no Mar Negro. A soja avança 24,0% no ano (1.276,25 US\$/bu; +24,1% em 12 meses), sustentada pelo balanço mundial apertado — relação estoque/consumo de 28,1% em 2026/27, segundo o USDA — e pela demanda chinesa firme. O milho sobe 17,0% no ano e 32,8% em 12 meses (512,00 US\$/bu). Em Nova York, o algodão avança 40,5% e o açúcar, 20,3% no ano, enquanto o café arábica recua 3,2% (–10,8% em 12 meses). No mercado interno, a soja em Paranaguá (R\$ 151,32/sc) sobe 11,5% no ano, o milho em Campinas (R\$ 69,51/sc) está estável (+0,1%), o boi gordo (R\$ 345,35/@) avança 8,2% e o café arábica CEPEA (R\$ 1.728,61/sc) cai 20,4%. A Figura 6 compara as médias mensais de agosto de 2026 e de agosto de 2025, segundo o Banco Mundial.

Figura 6 — Variação anual de preços de commodities: médias de agosto de 2026 vs agosto de 2025 (%)



Fonte: Banco Mundial — Commodity Markets Outlook (Pink Sheet), setembro de 2026.

Preços das principais commodities agrícolas — 28/ago/2026

Indicador	Unidade	28/ago/2026	Var. 12 meses	Var. acum. 2026
Soja CBOT	US\$/bu	1.276,25	+24,1%	+24,0%
Milho CBOT	US\$/bu	512,00	+32,8%	+17,0%
Trigo CBOT	US\$/bu	767,00	+50,3%	+51,4%
Café arábica NY	US\$/lb	345,85	-10,8%	-3,2%
Açúcar NY	US\$/lb	17,56	+6,6%	+20,3%
Algodão NY	US\$/lb	89,92	+36,2%	+40,5%
Soja Paranaguá	R\$/sc 60 kg	151,32	+12,5%	+11,5%
Milho Campinas	R\$/sc 60 kg	69,51	+8,2%	+0,1%
Boi gordo SP	R\$/@	345,35	+10,9%	+8,2%
Café arábica CEPEA	R\$/sc 60 kg	1.728,61	-24,9%	-20,4%

Fonte: CME Group/CBOT e ICE Futures US (via Bloomberg); CEPEA/ESALQ-USP. Cotações de 28/ago/2026.

Fertilizantes e Custos de Produção

Os custos de produção permanecem pressionados pela energia. O petróleo Brent teve média de US\$ 90,9/barril em agosto (US\$ 82,7 para o WTI), 33% acima de agosto de 2025, e chegou a US\$ 102,8 em meados de setembro, em meio às restrições aos fluxos pelo Estreito de Ormuz. No diesel, a defasagem entre os preços internos e a paridade de importação calculada pela Abicom saltou de 53% no fim de agosto para 119% em meados de setembro. O governo federal instituiu subvenção temporária de R\$ 0,2519/litro ao etanol hidratado, por 30 dias, para compensar o corte de imposto na gasolina.

Nos fertilizantes, os preços FOB nos portos brasileiros encerraram agosto em R\$ 2.245/t para a ureia, R\$ 4.361/t para o MAP e R\$ 1.987/t para o cloreto de potássio (KCI); em setembro, a ureia subiu para R\$ 2.495/t (+11%). Em dólares, segundo o Banco Mundial, a ureia (US\$ 390/t) estava 23% abaixo de agosto de 2025, o DAP ficou estável (US\$ 793,5/t) e o KCI subiu 8,5% (US\$ 386,9/t); o FMI projeta alta de 26% nos preços de fertilizantes em 2026. O frete Sorriso-Santos ficou em R\$ 492,8/t em agosto (IMEA), comprimindo as margens

em Mato Grosso. Para a safra 2026/27, cujas compras de insumos se intensificam a partir de outubro, o planejamento antecipado e a busca por contratos futuros são prioritários.

Custos de insumos e fretes

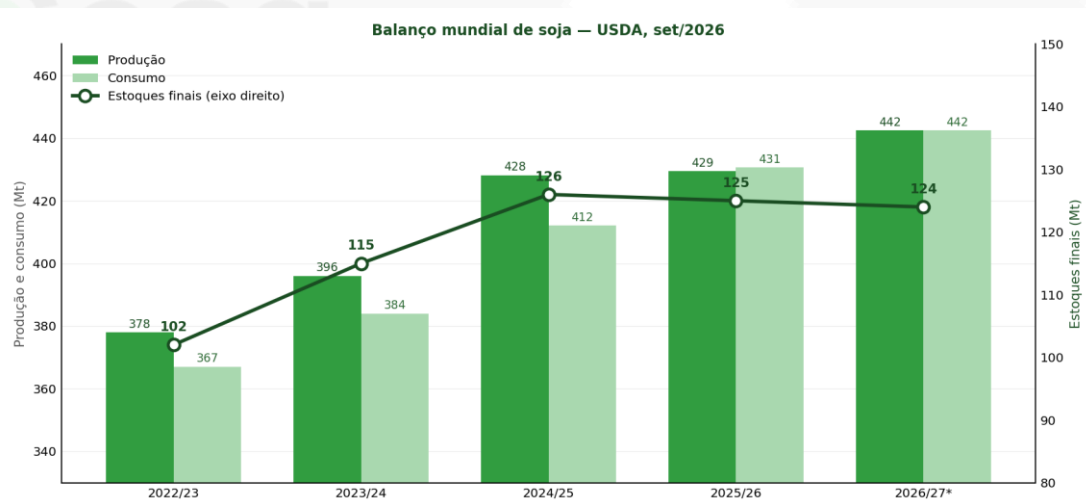
Insumo	Valor	Referência
Ureia	R\$ 2.245/t	FOB portos · Bloomberg, 28/ago/2026
MAP (fosfato monoamônico)	R\$ 4.361/t	FOB portos · Bloomberg, 28/ago/2026
KCl (cloreto de potássio)	R\$ 1.987/t	FOB portos · Bloomberg, 28/ago/2026
Diesel (defasagem Abicom)	119%	Abicom, meados de set/2026
Frete Sorriso–Santos	R\$ 492,8/t	IMEA-MT, ago/2026
Brent	US\$ 90,9/bbl	Média de ago/2026 · Banco Mundial

Fonte: Bloomberg; Abicom; IMEA-MT; Banco Mundial (Pink Sheet).

Balanço Mundial da Soja

O balanço mundial de soja segue ajustado. Segundo o USDA (WASDE, setembro de 2026), a produção mundial deve alcançar 442,4 Mt em 2026/27, praticamente igual ao consumo, com estoques finais estáveis em torno de 124 Mt e relação estoque/consumo de 28,1%, abaixo dos 30,6% de 2024/25. O Brasil deve responder por 42% da produção mundial (186,0 Mt) e por 62% das exportações globais do grão (118,0 Mt de 191,6 Mt), consolidando a posição de maior fornecedor do mercado internacional.

Figura 7 — Balanço mundial de soja: produção, consumo e estoques finais (Mt)



Fonte: USDA — WASDE nº 675, setembro de 2026.

*Projeção. Fonte: USDA — WASDE nº 675, set/2026.

TEMAS EM DESTAQUE

Esta seção reúne, de forma objetiva, três temas da conjuntura que marcaram o trimestre e que devem influenciar o agronegócio nos próximos meses. Em cada tema, além dos fatos e dados oficiais disponíveis, são apresentados os principais argumentos das diferentes perspectivas em debate, sem juízo de valor.

Encontro Trump–Xi: o comércio de soja e o espaço do Brasil na China

O presidente Donald Trump recebeu Xi Jinping na Casa Branca em 24 de setembro, em visita de Estado, após a prorrogação por dois meses da trégua comercial entre os dois países. A agricultura esteve entre os temas centrais: os EUA acompanham o cumprimento do compromisso chinês de comprar 25 Mt de soja americana na temporada — entre 38% e 64% haviam sido cumpridos antes do encontro, conforme o critério de contagem — e pleiteiam a retirada da tarifa retaliatória de 10% sobre o sorgo. Na mesma data, os dois países anunciaram acordo para reduzir tarifas sobre US\$ 60 bilhões em mercadorias.

Para o Brasil, o tema é central: a China absorveu 71% das exportações brasileiras de soja em grão de janeiro a julho, e o complexo soja respondeu por 40,1% das exportações do agronegócio no acumulado do ano. Em junho, as importações chinesas de soja dos EUA caíram 20,6% a/a, enquanto as do Brasil cresceram 13,7%. O USDA projeta exportações americanas de 45,9 Mt em 2026/27, abaixo dos 51,5 Mt de 2024/25, e exportações brasileiras de 118,0 Mt.

Efeitos potenciais positivos para o Brasil	Riscos potenciais para o Brasil
A trégua reduz a incerteza e a volatilidade nas cotações internacionais da soja, que acumulam alta de 24,0% no ano.	Um maior cumprimento das compras chinesas de soja americana pode reduzir os prêmios de exportação nos portos brasileiros.
A China diversifica fornecedores, mas depende estruturalmente da soja brasileira, destino de 58% dos embarques no ano.	A concentração das vendas em um único destino amplia a exposição do Brasil a decisões bilaterais entre EUA e China.
A distensão comercial pode sustentar a demanda chinesa por proteínas, favorecendo as exportações de carnes (+20,0% no ano).	A ampliação dos acordos a outros produtos, como sorgo e carnes, pode deslocar parte das vendas brasileiras à China.

Fonte: RFD-TV (24/set/2026); Anec; Alfândega da China; USDA — WASDE nº 675; MAPA/Agrostat; Boletim Macroeconômico CENI, ed. 03. Nota: argumentos refletem o debate público, sem posicionamento do CEAG.

El Niño muito forte: riscos para a safra 2026/27

A NOAA/CPC atribui mais de 90% de chance a um El Niño muito forte na primavera e no verão de 2026/27 e 75% de chance de um evento histórico — acima de +2,5°C no índice RONI — entre outubro e dezembro. O prognóstico do INMET, do CPTEC/INPE e da FUNCEME para setembro–novembro indica chuvas acima da média em todo o Sul e abaixo da média em grande parte de MT, GO, DF e do MATOPIBA, com temperaturas acima da média em quase todo o país.

O Banco Central, em estudo publicado no Relatório de Política Monetária de setembro, estima que os efeitos adversos do El Niño sobre a produtividade são mais disseminados no milho, no algodão e no arroz, enquanto na soja os impactos variam entre estados — ganhos no Rio Grande do Sul e perdas no MATOPIBA — e tendem a se compensar no agregado. Na série histórica da CONAB, as duas maiores quedas da produção de grãos nas últimas duas décadas coincidiram com episódios de El Niño forte: –10,4% em 2015/16 e –7,2% em 2023/24.

Efeitos potenciais positivos	Riscos e custos potenciais
Chuvas acima da média no Sul podem favorecer a produtividade da soja no Rio Grande do Sul, que já cresceu 12,1% em 2025/26.	Perdas de produtividade no milho, no algodão e no arroz; nos dois últimos El Niño fortes, a produção de grãos caiu 10,4% e 7,2%.

Preços internacionais mais altos elevam a receita dos produtores e das regiões menos afetados pelo clima.	Chuvvas irregulares no Centro-Oeste e no MATOPIBA entre novembro e janeiro podem atrasar a semeadura e reduzir a produtividade da soja e do milho 2ª safra.
O fenômeno é monitorado com antecedência, o que permite ajustar calendário de semeadura, cultivares e seguro rural.	O excesso de chuvas no Sul eleva o risco de doenças, alagamentos e perdas de qualidade no trigo.

Fonte: NOAA/CPC (10/set/2026); INMET/CPTEC/FUNCEME; Banco Central do Brasil — RPM, setembro de 2026; CONAB. Nota: caracterização qualitativa dos efeitos.

Combustíveis e insumos: medidas de contenção e custos da safra

A nova alta do petróleo voltou a pressionar os custos do agronegócio. O Brent teve média de US\$ 90,9 por barril em agosto e superou US\$ 100 em setembro, e a defasagem do diesel em relação à paridade de importação, calculada pela Abicom, saltou de 53% para 119% no período. Nos fertilizantes, a ureia subiu 11% nos portos brasileiros em setembro, e o FMI projeta alta de 26% nos preços internacionais do grupo em 2026. Com a semeadura da safra 2026/27 começando em outubro, o momento é sensível para as margens do produtor.

Para conter o repasse, o governo ampliou as medidas sobre combustíveis. Após a subvenção de R\$ 1,12 por litro ao diesel instituída em maio (MP 1.363), a Lei Complementar nº 235, de 27 de agosto, autorizou compensar reduções de tributos sobre combustíveis com a receita extraordinária da União com o petróleo. Com base nela, o Decreto 13.116, de 9 de setembro, reduziu o PIS/Cofins da gasolina e zerou as alíquotas do etanol hidratado por trinta dias, e a MP 1.391, de 11 de setembro, autorizou nova subvenção de R\$ 1,00 por litro ao diesel.

Argumentos dos defensores das medidas	Argumentos dos críticos
A subvenção ao diesel reduz o custo de frete e de mecanização no plantio da safra 2026/27, atenuando o repasse aos alimentos.	Subsídios e desonerações tendem a ser difíceis de reverter e ampliam a incerteza sobre a trajetória fiscal.
A desoneração do etanol hidratado amplia sua competitividade frente à gasolina, favorecendo a demanda pelo biocombustível.	A redução de preços mantém a demanda por combustíveis elevada e adia o ajuste a um choque de oferta.
A compensação com a receita extraordinária do petróleo preserva, no curto prazo, o resultado fiscal de 2026.	As medidas não alcançam os fertilizantes, cujos preços dependem do mercado internacional e do câmbio.

Fonte: LC 235/2026; Decreto 13.116/2026; MP 1.363/2026 e MP 1.391/2026; Abicom; Bloomberg; FMI — WEO Update, jul/2026; Boletim Macroeconômico CENI, ed. 03. Nota: argumentos refletem o debate público, sem posicionamento do CEAG.

BOX DE DESTAQUE

Câmbio e preços internos: por que a alta das bolsas internacionais chega menor ao produtor

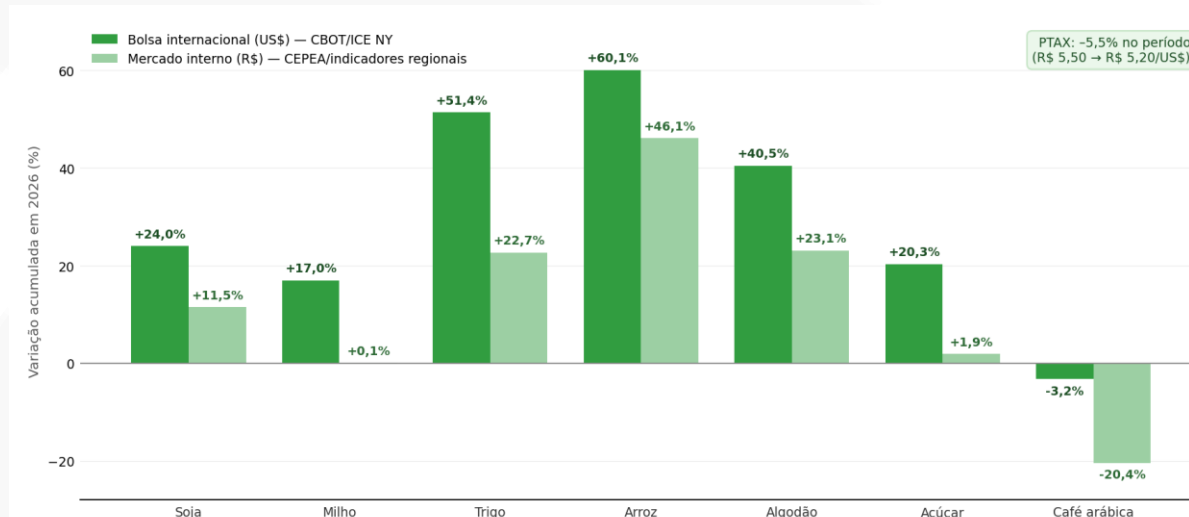
As cotações internacionais das principais commodities agrícolas acumulam forte alta em 2026, mas os preços no mercado interno avançaram bem menos. Até 28 de agosto, a soja subiu 24,0% em Chicago, ante 11,5% no indicador de Paranaguá; o milho avançou 17,0% na bolsa americana, mas ficou estável em Campinas (+0,1%); e o trigo, com alta de 51,4% no mercado internacional, subiu 22,7% no Paraná (Figura 8).

O primeiro fator é o câmbio. A PTAX recuou de R\$ 5,50 em 31 de dezembro de 2025 para R\$ 5,20 em 28 de agosto (-5,5%), o que reduz a conversão das cotações em dólar para reais. Na soja, apenas a valorização do real faria a alta de 24,0% em dólares corresponder a cerca de 17% em reais; a diferença remanescente em relação aos 11,5% observados em Paranaguá tende a refletir os prêmios de exportação e os custos de logística, que variam com a oferta disponível nos portos.

O segundo fator é a oferta doméstica. No milho, a safra de 144,0 Mt em 2025/26 (+2,0%) e o ritmo mais lento das exportações — os embarques caíram 25,3% em valor em agosto — limitaram a transmissão da alta externa. No açúcar, cuja cotação em Nova York subiu 20,3% no ano, o açúcar cristal em São Paulo avançou

apenas 1,9%. No café, o movimento foi inverso: a queda de 3,2% em Nova York correspondeu a recuo de 20,4% no indicador CEPEA do arábica, ampliada pela valorização do real. Para o produtor, o resultado é uma melhora de preços menor do que a sugerida pelas bolsas internacionais, em um ano de custos em alta — com diesel defasado e fertilizantes mais caros em setembro. A trajetória do câmbio e dos prêmios nos portos será determinante para a rentabilidade e para o ritmo de comercialização da safra 2026/27.

Figura 8 — Variação acumulada em 2026 até 28/ago: bolsas internacionais (US\$) × mercado interno (R\$)



Fonte: CME Group/CBOT e ICE Futures US (via Bloomberg); CEPEA/ESALQ-USP; indicadores regionais de preços; BCB (PTAX). Variações de 31/dez/2025 a 28/ago/2026.

FONTES CONSULTADAS

USDA FAS. Grain: World Markets and Trade — September 2026. Washington: USDA, 2026.
 USDA FAS. Oilseeds: World Markets and Trade — September 2026. Washington: USDA, 2026.
 CONAB. 1ª Estimativa de Safra 2026/27 — setembro de 2026. Brasília: CONAB, 2026.
 CONAB. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2025/26 — 12º Levantamento, setembro de 2026. Brasília: CONAB, 2026.
 CONAB. Série histórica das safras de grãos — 1976/77 a 2025/26. Brasília: CONAB, 2026.
 CEPEA/ESALQ-USP. Indicadores de preços agropecuários — agosto de 2026. Piracicaba: CEPEA, 2026.
 MAPA/MDIC. Exportações do Agronegócio Brasileiro — agosto de 2026. Brasília: MAPA, 2026.
 MAPA. Agrostat — Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro: exportações por setor, janeiro–agosto de 2025 e 2026, e série mensal 2022–2026. Brasília: MAPA, 2026.
 USDA. World Agricultural Supply and Demand Estimates — WASDE nº 675, setembro de 2026. Washington: USDA, 2026.
 NOAA/CPC. ENSO Diagnostic Discussion — 10 de setembro de 2026. Washington, 2026.
 NOAA/CPC. Oceanic Niño Index (ONI) — série histórica atualizada até JJA/2026. Washington, 2026.
 INMET. Boletim Agroclimatológico Mensal, v. 65, n. 09 — setembro de 2026. Brasília: INMET, 2026.
 IMEA-MT. Comercialização de safra — setembro 2026. Cuiabá: IMEA, 2026.
 CME Group (CBOT) e ICE Futures US. Cotações de futuros agrícolas — 28/ago/2026 (via Bloomberg).
 RFD-TV. Trump-Xi Meeting Puts U.S. Soybean and Sorghum Trade in Focus, 24/set/2026. www.rfdtv.com
 FMI. World Economic Outlook Update — julho de 2026. Washington: International Monetary Fund, 2026.
 Portaria SDA/MAPA nº 1.579, de 9 de abril de 2026. Vazio sanitário da soja.
 FAO. Food Price Index — ago/2026 (divulgado em 04/set/2026). Roma: FAO, 2026.
 BCB. Taxa de câmbio PTAX (venda) — série diária; Relatório Focus, 18 de setembro de 2026. Brasília: BCB, 2026.
 Banco Mundial. Commodity Markets Outlook — Pink Sheet, setembro de 2026. Washington: World Bank, 2026.
 Abicom. Defasagem dos preços de combustíveis — setembro de 2026.
 Anec. Exportações de soja — semana 31/2026. São Paulo: Anec, 2026.

MAPA/MDIC; CNM; Faesp. Exportações do agronegócio — agosto de 2026 (divulgação de setembro de 2026).

Banco Central do Brasil. Relatório de Política Monetária — setembro de 2026. Brasília: BCB, 2026.

Brasil. Lei Complementar nº 235/2026; Decreto nº 13.116/2026; Medidas Provisórias nº 1.363/2026 e nº 1.391/2026.

CENI/Instituto Pecege. Boletim Macroeconômico — Edição 03, setembro de 2026. Piracicaba: Instituto Pecege, 2026.

Boletim do Agronegócio CEAG — Edição 3

Centro de Estudos em Agronegócios — CEAG / Instituto Pecege

